

A PRESENÇA DE ALCEU AMOROSO LIMA: ALGUMAS QUESTÕES

Otaviano Pereira
PUCCAMP

"Costumo dizer que a verdadeira fé humana está diretamente ligada à capacidade de não crer. O ateísmo faz parte da fé".

Alceu Amoroso Lima

1. INTRODUÇÃO

Ler, rever, confrontar, dialogar com Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde¹, antes de tudo parece um desafio, notadamente às gerações mais novas.

Por que? É que o mestre Alceu pertence àquela espécie de homem que, de modo consciente ou involuntário, nos põe em conflito. Um conflito até original que brota da própria serenidade como tem enfrentado as crises de todo um século turbulento e prestes a findar. Também um conflito que brota do questionamento de nossa parte, quando contemplamos uma senilidade sadia em todos os sentidos, no topo de seus noventa anos, transformada em renovada juventude de espírito. Dizia-se, e ele mesmo confirmava, que Alceu A. Lima nasceu velho e conseguiu morrer jovem.

Mas o maior questionamento que brota desta contemplação — e este o afirmo por conta própria — é o da contra-maré de críticas por ele recebidas pelo fato de ter-se aliado voluntariamente a uma instituição carcomida por uma era de intensa secularização, (a Igreja Católica), vítima de seu próprio estiolamento, e, curiosamente, o modo sereno e até soberano como sempre as rebateu. A relação entre Alceu A. Lima e a Igreja Católica representou um dos raríssimos casos de amor entre um jovem e uma velha de dois mil anos, e que deu certo. (!)

Houve uma época, em meados deste presente século, no Brasil, em que o intelectual só tinha dois caminhos: ou era um reacionário intolerante, em geral membro da Igreja Católica — do calibre de um Gustavo Corção ou mesmo um criador genial como Nelson Rodrigues ou era comunista, e, portanto, excomungado fatalmente pelo conservadorismo romântico das elites brasileiras. Destacado desde sua

conversão (em 1928) como o ponta de lança das fileiras já diferenciadas de uma instituição projetada numa era a que chamou constantemente de “Idade Nova”, Alceu A. Lima revelou-se como homem de completo mas curioso equilíbrio. Conseguiu ser ele mesmo sem ser completamente um comunista, strictu sensu, — mesmo que seu pensamento tenha revelado alguns lampejos de socialismo — mas também sem aderir, in totum, à ala conservadora da sociedade e sobretudo da classe social a que pertencia de berço. Destarte, Alceu foi moldando, já em plena maturidade de pensador nato, sua personalidade de pensador católico, assumindo em si mesmo o espírito mais aberto, e assumindo como suas, as limitações da Igreja — e desta Cristandade que ora atinge seu ocaso — sem ter-se atrelado a quaisquer das alas. Em outras palavras, o insigne pensador soube de fato como jogar com a instituição com o intuito de tentar renová-la, esperançosamente. E o curioso é que, tendo-se aliado à Igreja sempre caminhou à frente da mesma, já que esta somente após o Vaticano II (1961 — 1965) é que vai realizando seu processo até doloroso de “aggiornamento” frente ao mundo e ao século. Neste sentido, a opção de Alceu parece que lhe custara por muitos anos (décadas de 30 a 60) o peso de uma solidão quase que total.

O que vamos tentar nestas páginas de um estudo provisório e apressado, é exercer um ato de garimpagem desta personalidade, diria, até estranha, mas cada vez mais límpida em meio à ganga impura dos conflitos deste século, que conheceu duas Grandes Guerras, mas principalmente com os olhos voltados para o Brasil e as relações entre Igreja e Estado, elites e elites, elites e povo, e dos intelectuais entre si.

Assim sendo, escolhi para estes apontamentos um tema que me tem fascinado numa era de intensa ausência: o problema da **espiritualidade** do pensador Alceu. A partir deste prisma procurei ver nele um aspecto original, vale dizer, a “sapientia cordis” aliada ao espírito de liberdade e universalidade que nortearam sua vida e sua obra.

2. SAPIENTIA CORDIS

Num ensaio curto, mas densamente lúcido, comemorativo aos 85 anos de Alceu A. Lima, em 1978, para a revista **Encontro com a Civilização Brasileira**², o teólogo Leonardo Boff, numa demarcação semântica preliminar ao texto — seguindo pelas sendas de um questionamento que floresceu nos últimos anos após a filosofia de Heidegger — tece alguns conceitos sobre as relações e diferenças entre o cientista, o erudito, o culto, o professor, o tecnocrata, o filósofo, o intelectual (...) todas elas em relação ao pensador. O teólogo Leonardo Boff, com maestria metodológica discute o estatuto do pensador e sua função numa sociedade de classes, como intelectual — filósofo

(eventualmente teólogo) para ir ao encontro da verdadeira identidade de Alceu A. Lima, a quem, ao final desta perseguição, chama de “pensador e testemunha do espírito”³.

Leonardo Boff tem razões de sobra. Alceu A. Lima, sabemos, exerceu larga atividade como crítico literário, tornando-se desde os primeiros momentos um dos pilares da crítica e da revisão do movimento modernista de 22.

Não foi cientista, no sentido positivista da palavra. No máximo, até certa medida, um “cientista social”, mas mais do que isto, um “filósofo social”.

Foi um homem erudito, mas que jamais se atolou na areia movediça do eruditismo vaidoso e excessivo. Foi, outrossim, homem culto, na acepção mais larga e menos vitoriana da palavra. Jamais enterrou talentos, sabendo fazer da cultura herdada do berço — com 17 anos tinha ido à Europa por três vezes, para estudar — apanágio de sua figura de homem extremamente simples; aquele que um dia deu adeus às “várias disponibilidades” burguesas da família. (ver mais adiante, esta questão retomada).

Foi professor, por largos anos, sem que a vida escolar brasileira tenha, contudo, herdado de Alceu uma contribuição pedagógica mais efetiva. O que angariou de merecimentos para ser chamado de “mestre Alceu” deve-o mais à vida do que propriamente à ciência pedagógica. A pedagogia não foi seu forte. Pelo contrário, todas as vezes que tratou de tal assunto o fez de forma conservadora, doutrinária e, então, dogmática.

Não foi tecnocrata, embora tenha exercido o trabalho de chefia de uma empresa da família (fábrica de tecidos) por bom tempo. Seu espírito sempre o arrastou para algo mais nobre: a ação em geral solitária da meditação e da escrita.

Mas nem por isso Alceu A. Lima foi um filósofo, no sentido sistemático do termo. É evidente que lançou mão de alguns lemes. O contato com o tomismo; a lógica de Maritain e a orientação recebida da cabeça enciclopédica e bem organizada do Pe. Leonel Franca o moldaram na sempre e emergente necessidade do método, da direção. Como pensador, entretanto, realizou bem a síntese do intelectual-filósofo sem se fechar em nenhuma das duas categorias.

Eventualmente abriu algumas reflexões de cunho teológico em seus ensaios — especialmente quando falava em assuntos de espiritualidade para os editoriais do **Jornal do Brasil** e **Folha de S. Paulo**. Mas também não foi teólogo no sentido clássico da palavra e da profissão, como ele mesmo fez questão de reconhecer: “Nunca fui um teólogo. Minha espiritualidade sempre foi mais sentimental, baseada no que chamo de “sapientia cordis”. O

Jackson e o Maritain tentaram introduzir em mim o intelectualismo religioso, mas isso não pegou"⁴.

Da mesma forma Alceu A. Lima não foi um místico no sentido clássico de um São João da Cruz, Sta. Tereza D'Ávila, Santo Cura D'Ars, nem mesmo no sentido literário, como é manifestado, por exemplo, pela veia místico-poética de um Saint Éxupèry ou de um Maurice Druon. Entretanto toda sua obra sempre apareceu impregnada pelo mistério ou por uma "mística mais secularizada". Neste particular são visíveis as influências vindas do contato com João XXIII, as literaturas de Chesterton, Fulton Sheen e sobretudo do monge Thomas Merton, este que ajudou Alceu a melhor equacionar as preocupações sociais com a fé ou uma possível síntese entre Cristianismo e Socialismo. Ainda como pano de fundo destas influências igualmente decisivas, as leituras de S. Agostinho atrás de todo grande pensador cristão está, geralmente, a marca de S. Agostinho — Péguy e Bernanos. Este último, considerado por ele o único homem realmente genial que conhecera em sua vida, cuja leitura de "Le Grand Cimetière sur la Lune" o afastara do franquismo e o fizera criar horror ao burguesismo.⁵

Pois bem! Em síntese, Alceu A. Lima foi um homem completo sem ter-se estreitado na especialidade, esta prisão intelectual de nosso tempo. Alceu A. Lima, como fez constar em várias entrevistas, amou; teve filhos e netos; escreveu muitos livros e artigos, tendo levado uma vida intelectual Kantiana — todas as manhãs escrevia carta para sua filha religiosa, a Irmã Maria Tereza, O.S.B. num índice de grande disponibilidade intelectual — escrevia a lápis; não fumava e usava gravatas pretas, tendo horror a roupas apertadas; gostava de música mas detestava ouvir rádio; nunca esteve em escola primária e diz ter sido aluno medíocre mas recebendo importante influência de João Kopke, a quem considerou o maior educador brasileiro (!); rezava demais e gostava de missa e de vida religiosa mesmo sendo um leigo; andava muito a pé e atravessou os andes a cavalo; guiou automóvel de Quebec à capital do México mas detestava guiar no centro do Rio de Janeiro; foi várias vezes à Europa, desde criança; lecionou na Sorbone e nos Estados Unidos; conversou dez horas seguidas com Maritain e três horas com Thomas Merton; travou intensa discussão com Georges Bernanos; conheceu alguns papas pessoalmente mas nunca conversou com seu barbeiro; foi amigo inseparável do cardeal Leme, Wagner Dutra, Jackson de Figueiredo e do Pe. Leonel Franca; suportou com humildade as histerias intelectuais de adversários ultra-conservadores, como Gustavo Coração, etc., etc., etc...

Atrás desta figura basilar do catolicismo brasileiro, sem dúvida muito original, algumas questões ficam de pé a resolver, amiúde, nossa perplexidade. Vamos enumerar em dois turnos o âmbito desta

perplexidade frente a este pensador do coração: A) o da admiração e B) o do questionamento.

A

Admiro em Alceu A. Lima, em primeiro lugar, o seu equilíbrio — sobretudo emocional — e sua humildade.

Este foi verdadeiramente um pensador que nunca deixou se afogar em querelas inúteis, especialmente aquelas frutos do esnobismo intelectual. Nem mesmo no começo do século, em sua mocidade, quando pairava no meio intelectual-burguês a obsessão doentia pelo formalismo e rigor dos discursos ou do beletrismo acadêmico. A caminho da maturidade intelectual Alceu desde cedo tomou outros rumos conforme ele mesmo afirmara: “Eu era fruto de uma geração da indiferença, do sibaritismo, do gosto pelas formas, pela beleza, pelas novidades estéticas, pela farra. Essa, como disse, foi na minha vida a fase das formas⁶. A guerra de 1914 marcou-me profundamente e acredito que a grande parte de minha geração, pois significou o fim do século XIX, estetizante, burguês, das injustiças sociais, do erotismo (...) Eu tinha tudo aquilo que caracterizava a mocidade abastada de meu tempo, pois meu pai tinha dinheiro para sustentar o que chamei de minha “disponibilidade”. Eu podia gozar a vida embora isso, como disse, não me satisfizesse. (...) O que está no **Adeus à Disponibilidade**, publicado no ano de minha conversão, em 1928, é justamente isso”⁷.

Não tendo deixado jamais se influenciar pelos vícios de sua geração e sua época — especialmente o pessimismo decadente dos intelectuais europeus que influenciaram os jovens escritores do modernismo de 22 — Alceu formou desde cedo o esqueleto de um pensador seguro, positivo, embora se torne nos dias contemporâneos um modelo quase impossível de ser seguido. (Veremos este pormenor no decorrer do item B, desta parte).

Pensando neste jovem intelectual que logo encontrou seu caminho, admiro também em Alceu A. Lima o modo “agostiniano” como trabalhou sua conversão, tendo travado intensa batalha contra si mesmo e suas “disponibilidades burguesas” assim como a luta que deve ter empreendido por muito tempo contra a própria classe de intelectuais a que pertencia.

Mas admiro muito mais ainda — continuando o item anterior — a forma como conduziu sua vida de pensador cristão convertido sem ter-se atrelado ao catolicismo no que este apresenta de mais conservador e, suponho eu, tolerado tanto o ranço espiritual de uma Igreja que o cercava. E mais, o fato de Alceu A. Lima ter de tolerar também os

intelectuais de esquerda sem ter, em nenhum momento, pelo que consta, adquirido postura de intolerância e desequilíbrio. Como pensador católico mas não conservador nem "revolucionário" Alceu A. Lima sempre deve ter vivido entre a cruz e a espada. Mas conviver com o outro, quem quer que seja, sem eliminá-lo, sempre foi o lema de Alceu A. Lima. Sempre teve adversários mas nunca os fez inimigos.

É neste sentido que também admiro neste pensador a maneira adulta, tranqüila, equilibrada, serena, até senhorial e teimosa mas nunca de modo autoritário de como sempre falou da Igreja, da fé, do século XX, das civilizações — assunto que dominou com a maestria de um historiador — tendo-se revelado constantemente um homem de invejável coerência⁸.

Pensando ainda em sua conversão, admiro nele a face sempre renovada de sua espiritualidade. Este pensador que em sua juventude se debatera contra si mesmo, depois de convertido — como era de esperar — não assimilou as verdades da fé de forma intolerante. Sua fé de pensador católico não era a fé da Igreja como instituição, mas a fé do evangelho. Alceu A. Lima sempre dialogou, em matéria de fé, com outros crentes e com ateus da mesma forma com os correligionários da sua Igreja. Parece que esta questão da fé o iluminou de vez tendo se tornado o porto seguro a que atracara o barco de seu destino, sua cabeça, suas dúvidas após sua conversão. É nos momentos em que falava de Deus, da eucaristia, do "mistério" é que mais parecia falar do mundo, das relações sociais, do sexo, do ecumenismo, dos sonhos da humanidade, (etc.), com avassaladora segurança.

É neste sentido, também admirável, que Alceu A. Lima tenha trabalhado de forma madura questões cruciais dos homens e da humanidade, herança dos grandes pensadores — em geral homens inquietos — como a relação fé-razão, razão-desrazão, a questão da loucura — problema que particularmente me fascina — a secularização, o ateísmo, a conversão, o amor, a esperança, a querela maniqueísta (presente em nós e na humanidade) travada entre o bem e o mal e sua compreensão mais abrangente, os destinos do Cristianismo, da Cristandade, da Igreja, das questões sociais e políticas, do futuro do país, das novas gerações, dos novos partidos políticos, enfim, uma gama de preocupações centrais que nunca abalaram suas principais convicções. A fé era o nó que enfeixava seus temas. Curiosamente a fé num mundo sem Deus parecia lhe trazer mais segurança.

Mas uma fé desde cedo amarrada no compromisso. Alceu disse certa vez: "A guerra de 14 marcou-me profundamente e acredito que grande parte da minha geração, pois significou o fim do século XIX, esteticante, burguês, das injustiças sociais, da riqueza, das viagens, do

erotismo. Quando veio o armistício, a pergunta era: qual o sentido dessa mortandade? Eu sentia a necessidade de encontrar uma causa pela qual viver, e as duas causas que eu via eram: ou viver e morrer por uma transformação das instituições sociais, ou viver e morrer porque há uma revelação sobrenatural, porque há uma transcendência (...) Eu debatia para não me converter, até que em 1928 aceitei conversar com o Pe. Leonel Franca e confessar-me. Eu comunguei e voltei a comungar em agosto, e a 4 de dezembro Jackson morreu. De repente caiu-me sobre os ombros uma enorme e inesperada responsabilidade. No dia seguinte fui convidado a assumir a presidência do centro Dom Vital. (naquele tempo não havia a Ação Católica) no lugar de Jackson. Assim fui obrigado a sair de uma posição que para mim era exclusivamente afetiva, sentimental, e filosófica ou metafísica, se quiserem, para transformar-me no sucessor do homem que, junto com Dom Sebastião Leme, tinha dado uma nova vitalidade à Igreja. (...) Foi ele quem trouxe para a Igreja no Brasil a preocupação social”⁹.

Então, como vemos, a opção de Alceu A. Lima surgiu de uma luta travada contra si mesmo e sua origem a ponto de ter que decidir-se por uma fé engajada, embora a própria Igreja, ela mesma, não estivesse ainda preparada para tal compromisso¹⁰. E mais, para Alceu, a fé entendida como exigência de justiça social já entre 1928 a 1938 e como questão religiosa nova, inarredável — ver o significado em sua obra do que chamou de Idade Nova — tendo assumido um caráter solidário e até solitário à medida em que paira sobre outros problemas de ordem particular.

Perdoe o leitor se insisto por demais no assunto. Mas admiro em Alceu A. Lima o modo como superou o conflito da ineficácia da razão pela fé — insisto nisto porque este conflito intelectual nem todo pensador consegue superar — principalmente depois que travou uma relação de estreita amizade com Jackson de Figueiredo, o Pe. Franca e o Cardeal Leme.

Perguntado sobre a relação dele com estas figuras de influência decisiva e as contribuições por ele recebidas no tocante a tais conflitos, Alceu respondeu: “A loucura me impressionava porque achava que a razão não leva a nada. O raciocínio e a lógica não me bastavam. Quem sabe se a religião, o antídoto da razão, o oposto da lógica, não levaria a alguma coisa? Eu continuava cético, porém, angustiado. Queria conhecer a loucura em todas as suas manifestações. Escrevi uma carta ao Jackson dizendo que havia perdido a crença na razão e indagando se a sem-razão, o oposto da razão, a ruptura com a razão, me levaria a alguma coisa. Machado de Assis, que se preocupava com a loucura por medo de ficar louco, influiu muito sobre mim. As explicações racionais do mundo já não me satisfaziam. Escrevi tudo isso a Jackson e ele me respondeu: “Alceu, tome muito cuidado com a loucura, pois um amigo meu, lá em Sergipe,

ficou preocupado com ele e acabou vendendo cachaça num botequim do sertão...” Então percebi que só me restava dar um salto dentro da fé. Lembrei-me que, quando rapaz, dera um passeio de bote com um amigo que pertencia à marinha. Ele reparou que eu não me aproximava da beira do bote e indagou: “Você está com medo?” Respondi que não sabia nadar. Ele disse: “Então vou ensinar você a nadar”, e atirou-me no mar. Se estou ainda vivo, é porque, naquele dia, consegui alcançar a praia nadando. Foi um salto como este, que dei na esfera da fé. (...) O reacionarismo do Jackson — continua o pensador — impregnou-se em mim por algum tempo, como uma espécie de homenagem e de dever em sua memória. Mas senti que ele havia marcado a Igreja, contribuía com algo de novo: a vinculação da **inteligentsia** com a fé popular. Para mim até então, as duas coisas eram antagônicas: a inteligência aqui, a fé ali. Porém Jackson havia mostrado a possibilidade de uma ligação entre a espontaneidade da fé do povo brasileiro e a inteligência requintada pelo ceticismo, pelo anarquismo e pelo erotismo universais. Esse elo se realizou em mim através do contato com a revista **A Ordem**, com o padre Leonel Franca e com esse homem excepcional que foi o cardeal Leme”¹¹.

Mas sobre este particular conflito da relação fé-razão em que mais uma vez o pensador revela intenso equilíbrio, cumpre observar que sua obra, no que tem de espiritual, converge — principalmente no final de sua vida — para o senso do “mistério”. Este algo impregnado em suas reflexões, ao mesmo tempo meio solto, do ponto de vista da lógica ou do pensamento. O apego ao mistério acabou dominando todas as esferas de suas reflexões, sentimentos, ações, a ponto de afirmar, como espécie de síntese: “Tudo é Mistério”, frase que pareceu ser o corolário de toda sua obra¹². Neste sentido Alceu A. Lima dá um salto dentro da mística, mesmo tendo afirmado que seu temperamento era mais afetivo e não místico — pelo menos, como já afirmamos, no sentido clássico do termo.

Mas voltando atrás mais uma vez neste pormenor, percebemos que este pensador afetivo consegue a difícil síntese ou equilíbrio entre fé-razão-emoção quando se torna um pensador permanentemente lúcido e lógico, de incrível clareza. As orientações intelectuais do Pe. Leonel Franca o conduziram à lógica de Maritain — este que o permitiu, por sua vez, atualizar o Tomismo através da sua obra **Humanismo Integral**. Mas como a lógica ou a filosofia em si não bastam, o outro lado desse equilíbrio veio através das leituras dos místicos — Chesterton, Thomas Merton.

Com relação particularmente à sua afinidade com Jackson de Figueiredo, Alceu fez questão de por um pequeno divisor de águas, mostrando, entretanto algumas diferenças que nunca os desuniram. Alceu como dissemos, nunca fez inimigos. Diz o pensador: “Ele — Jackson — nunca foi maritaniano, mas tampouco tomista, mas um legítimo pascaliano. Eis a verdadeira posição de Jackson. E eu me sentia

muito unido a ele, nessa *sapientia cordis* pascaliana, no acolhimento daquilo que está para além da razão. Como eu havia enfrentado uma querela terrível com a razão, e estando decepcionado com a sem-razão, encontrei na fé a superação da razão e da sem-razão”¹³.

Deixando de lado um pouco este lado emotivo e “místico” sobre o esteio da fé, cumpre dizer que admiro em Alceu A. Lima a universalidade de seu pensamento assim como a extensão de sua obra: a do pensador, a do crítico. É claro que não foi um intelectual denso no sentido mais clássico do termo, da envergadura, por exemplo, de um Pe. Henrique Vaz. Talvez porque tenha sido concomitantemente um pensador do coração e não só da inteligência¹⁴.

Admiro também em Alceu A. Lima o modo de como trabalhou a questão do respeito à liberdade, ponto nevrálgico de sua obra. A liberdade a que sempre reivindicou para reger as ações dos homens — e contra todos os “ismos” que a história já produziu. Principalmente a liberdade com a qual regeu a relação com seus adversários e o respeito permanente ao pensamento e à fala do outro. No sentido desta postura voltaireana, o estatuto do pensador em Alceu, a priori — conforme fora discutido por Leonardo Boff — começa a ser bem aquilatado pelo fato de ter sido ele, por excelência, o guardião da liberdade entre nós.

Finalmente, admiro em Alceu A. Lima o seu lado terno, vale dizer a forma amorosa como tem tratado todas as coisas, tanto as coisas boas que sempre o acompanharam, como o sofrimento, a dor, a loucura, a solidão, a morte (etc.). Este lado que fez de Alceu um homem deveras iluminado.

Vamos agora ao segundo turno, ou seja, aquilo que me atira na areia movediça de alguns questionamentos:

B

Em primeiro lugar, quanto a origem burguesa de Alceu A. Lima, não creio que ele tenha se despojado dela completamente. Um pensador que se dá ao luxo de, todos os dias e por muitos anos, escrever cartas à filha religiosa, é porque a “disponibilidade” de que falava não se desprende dele completamente, fazendo dele também um modelo Kantiano e europeu de intelectual, até o fim da vida. Mesmo à frente da Ação Católica parece que Alceu jamais assumiu a postura militante do intelectual do 3º mundo, à imagem por exemplo, de um Francisco Wefort, um Paulo Freire, um Darcy Ribeiro, para falar num modelo brasileiro atual¹⁵. Na verdade Alceu A. Lima efetivamente nunca foi um pensador de barricada, mesmo que tenha sido homem de posições firmes, que proferisse grandes discursos acadêmicos e escrevesse belos e lúcidos artigos de jornal contra a opressão, o “status quo”, etc., tanto é que jamais

figurou entre os intelectuais cassados após o golpe de 64, Fernando Henrique, Florestan Fernandes, Celso Furtado, etc. Só para ficar neste exemplo, um intelectual que permanece em seu gabinete de trabalho após um golpe de Estado é porque de fato só incomoda o poder nos discursos ou conferências de salões fechados.

Neste sentido Alceu A. Lima nunca realizou aquela tarefa orgânica do intelectual tão reclamada por Gramsci. O que Alceu teve de contato com as massas ou com a cultura popular o foi mais a nível da intuição ou da percepção de sua importância e necessidade do que propriamente de militância. A mudança de 180 graus de ótica do pensamento de gabinete para a prática popular supõe uma conversão mais difícil reclamada ao intelectual de hoje — como têm realizado alguns bispos da chamada Igreja Progressista, nas décadas de 70 e 80. Esta nova disposição supõe algo que só surge da prática e que não se resolve apenas ao nível da emoção ou intuição. Penso eu, falando numa ótica de 3º Mundo, que o novo estatuto genuinamente pedagógico e orgânico do pensador contemporâneo deve passar pelo crivo da experiência popular se possível em todos os pontos de vista¹⁶.

Mesmo tendo atuado à frente da antiga Ação Católica (e Liga Eleitoral Católica), a participação efetivamente política de Alceu A. Lima parece ter sido aquela típica do intelectual coerente bem intencionado mas romântico: enxergou bem os fatos, foi lúcido sempre, até certo ponto inquieto — pois Alceu foi o homem partidário do que chamou de “equilíbrio no movimento” — mas sempre de mãos limpas frente aos acontecimentos, às barricadas do tempo. Ora, neste sentido, sempre pareceu fácil ao pensador ter magníficas intuições sobre os destinos da humanidade, a juventude, a revolução sexual, os processos culturais mais diversos, a nova mulher, as liturgias renovadas das religiões... enfim, tudo o que diz respeito à capa e não ao miolo dos acontecimentos. Para um pensador do gabarito intelectual e da nobreza de sentimentos de Alceu é sempre fácil falar do arco-íris quando seu quarto está bem arranjado e asseado. Mas lamentavelmente, é preciso dizer, esta forma asseada de pensador que não suja as mãos com a massa — não me refiro só ao povo, mas à massa bruta dos acontecimentos — parece ser um modelo em franca extinção.

Esta primeira observação abre uma outra com uma pergunta a princípio espantosa: foi Alceu um revolucionário ?

Bem, primeiramente sabemos que não foi conservador mesmo tendo “flertado” com os conservadores — conforme expressão do articulista da revista *Isto é*. Na verdade foi sempre um homem forte. Como partícipe da *intelligentsia* brasileira, isto é, no cenário intelectual e político nacional¹⁷. Alceu A. Lima foi um homem que sempre “jogou bem”. Bom driblador, bom cabeceador, ágil, jogou em várias posições mas

sobressaindo-se numa só: a de esquerda (aparente, pelo menos) sob o guia da liberdade, do respeito mútuo, do diálogo, da coerência das idéias, mas jamais da militância no sentido em que aqui reivindicamos à palavra. E isto não significa que tenha sido um intelectual astuto. Jamais pensar num possível maquiavelismo intelectual de Alceu. É que o primado da liberdade, a tolerância, o diálogo permanente e tudo mais que nortearam sua vida e obra fizeram de Alceu A. Lima um pensador elástico e, aparentemente, bom jogador.

Mas eu quero me fixar num terceiro questionamento, a partir do tema deste texto, naquilo que Alceu A. Lima tem de mais maduro e mais denso: a espiritualidade. Por extensão, nas reflexões sobre as religiões, a Igreja, a secularização, a fé, etc.

Símbolo do cristão novo e precursor da nova Igreja, mais tolerante, ecumênica, sua obra, no que apresenta de mais especificamente espiritual (**Meditação sobre o Mundo Interior, Meditação sobre o Mundo Moderno, O Espírito e o Mundo, Tudo é Mistério e Testamento Espiritual**, obras póstumas, e em parte, a obra **No Liminar da Idade Nova**), toda ela aparece ainda impregnada por certo ranço dogmático da espiritualidade da Igreja, pelo menos até o Vaticano II. Confesso que não consegui ler por inteiro nenhuma dessas obras por me sentir constantemente doutrinado pelo autor.

Brilhante expositor — e doutrinador — o pensador da Igreja Nova acaba por dificultar as afinidades possíveis entre o leitor atual e do futuro e um escritor de estilo ainda acadêmico, cuja dialética verbal não mais coaduna com o modelo contemporâneo de um ensaísta¹⁸. A impressão que fica é que Alceu A. Lima acaba falando sempre a linguagem de um mundo caduco e de modo também caduco, ainda que tenha sido, em meados deste século tão crítico, um pensador renovado com relação ao modelo católico de épocas passadas. Preso a uma instituição já estiolada pelo tempo e pela cultura moderna, parece visível a tentativa de Alceu A. Lima de resgatar, como leigo renovado, uma espiritualidade já decadente e cuja linguagem, sem sintonia com nossa cultura atual, já não cai mais na graça do homem contemporâneo. Esta percepção me ficou patente quando li seu **Testamento Espiritual** (organizado por sua filha religiosa) em que o pensador escolhe o professor Cândido Mendes de Almeida para fazer dele o seu filho espiritual predileto e entregá-lo o legado de seu trabalho: a continuidade de sua atuação no laicado católico do Brasil. A pergunta que me resta neste momento é sobre a efetiva validade de tal legado.

Pensando ainda nesta presença intelectual carregada de espiritualidade e doutrinadora cumpre voltar à afirmativa de que Alceu A. Lima não legou quase nenhuma contribuição pedagógica renovada em sua obra. Assim sendo, como modelo de pensador, em que pesem todas as admirações, prefiro particularmente, a contribuição, por exemplo, de um

Paulo Freire, então muito mais próximo a nós, mais enraizado no Brasil no sentido do pensamento popular e sobretudo, mais “dialético”. Ou ainda, por que não lembrar o estilo intelectual e pedagógico meio “bonachão”, alegre e não menos evangélico, fidelista e esperançoso de um Rubem Alves? ¹⁹ Ou ainda, por que não lembrar o estilo pé-no-chão dos ensaios de um Carlos Rodrigues Brandão, prenes da sabedoria popular e de iluminação poética, neste sentido um tanto quanto “orgânico”?

Relacionada à observação anterior surge outra: a da dialética em Alceu A. Lima. Alceu foi um pensador que lucidamente fez a combinação de pontos conflitantes: fé e razão, razão e des-razão ou razão e loucura, fé e ateísmo, conflito e paz, etc. Polemista, mas declaradamente anti-dialético, este espírito, diria, monolético, tendo em vista a harmonização dos contrários que sempre conseguiu, Alceu A. Lima, sempre pareceu ser o autor nada mais que do arranjo semântico ou da síntese especulativa.²⁰ É só observarmos a maneira serena e sapiencial de como sempre concedeu entrevistas que percebemos este pormenor. Não restam dúvidas af que este homem foi sempre um poço de conhecimentos e principalmente de afeto e de fé no futuro. Mas, a sua dialética — se pudermos falar nestes termos — foi sempre a dos românticos, a da contemplação intelectual, a da metafísica essencialista. Vale dizer, Alceu sempre falou da ação, da síntese entre ação e reflexão, ação e meditação, ação e mistério, etc. Mas efetivamente seu pensamento jamais ascendeu à “práxis”. Assim sendo, permaneceu sempre no mundo das grandes reformas e não da revolução de base. Ele mesmo diz sobre si mesmo: “sou um revolucionário no sentido pacífico da palavra...”²¹

Assim sendo, pensando agora num outro questionamento interligado aqui, era de esperar que durante a vida toda Alceu se tornasse o guardião da não-violência. Claro que aqui se trata de uma questão muito mais ampla. Mas cumpre observar que via de regra pensadores conciliados com um humanismo mais acadêmico, romântico, são traídos pela ideologia da não-violência. Esta parece ser uma maneira até sutil de dissimular a própria quietude do intelectual inofensivo.

Finalmente, fechando esta ala de indagações e não querendo alongar demais para não cair no ranço academicista, diria que Alceu A. Lima em sua postura permanentemente sóbria, “pacífica”, madura, equilibrada, sempre rejeitou de forma nietzschiana o ceticismo. Vale dizer, vendo nos céticos o sinal da decadência, cansaço, senilidade, fraqueza — como o fez frente a alguns modernistas de 22.

Ora, existe uma postura de ceticismo desesperançoso, trágico, nihilista, que nos fecha as portas da alegria e nos embota para a visão do sentido da vida e da própria morte. Este sentimento sórdido não convém ao homem. Porque não há como pensar sem um fio pelo menos de esperança, — e Sartre nos mostrou isto em sua última entrevista — diria que

há um certo grau de ceticismo que nos faz crescer. Quando ? Quando nos põe numa atitude de permanente interrogação e não nos deixa aceitar todas as coisas sem mais nem menos em nome de uma esperança romântica. Creio que quem não é pelo menos um pouco cético não está no caminho certo. É preciso ser um pouco cético para não sermos enganados pela nossa própria utopia quando esta não está embasada em fundamentos reais. O homem tem que ser cético pelo menos diante das promessas fáceis, portanto traiçoeiras, ideologizadas. É verdade que estamos sempre às voltas com nossas frustrações, principalmente com relação a nós mesmos. Mas não creio também que a humanidade mereça tanto crédito. Eu, pessoalmente estou a pique de perder a crença na humanidade. Afinal, a eminência de um cataclismo nuclear não é um problema tão simples quanto a de uma praga num laranjal. E quem se postula de forma muito segura contra os céticos é porque deve estar atrelado às verdades feitas. A fé, quando mostra um excesso de segurança pode ser até perigosa. Assim como Alceu A. Lima afirmou que "o ateísmo faz parte da fé" (ver epígrafe), diria, endossando, que há um ceticismo que se torna a própria arma da razão quando esta nos livra do sonho fácil.

Fechando estes apontamentos provisórios diria que Alceu A. Lima foi um homem iluminado: pela sua fé, e sua coragem de assumir sua fé de modo até meio solitário, pela sua inteligência privilegiada e pela condição social com que lhe foi permitido regar as sementes de sua inteligência, pelas suas intuições, pela sua segurança, mas antes pela sua simplicidade, pelo espírito de liberdade.

Quem de fato tem a chama ela não se apaga. Os noventa anos de Alceu foram um momento vivo de um espírito de que o mundo contemporâneo tanto carece — notadamente a juventude.

Mas longe de pensar numa fé no futuro que elimine os conflitos do presente: do pensamento, da ação prática... O estado de guerra, já dizia Heráclito, é algo inerente à condição da Humanidade. Guardadas as proporções, todo homem retrata em si os conflitos da humanidade. É como disse Sartre: quando o indivíduo escolhe, para acertar ou para errar, é toda a humanidade que escolhe com ele. Olhando Alceu Amoroso Lima no topo de seus noventa anos, numa cadeira de balanço, tive a impressão, pensando no 1984, que Alceu A. Lima nasceu fora do tempo ou foi um homem excessivamente maduro para este país. Ou, ainda, tem se tornado quase sozinho o amante da paz, e nós, jovens, as verdadeiras vítimas do conflito.

NOTAS E REFERÊNCIAS

(1) Usaremos mais o seu nome de batismo: Alceu Amoroso Lima, já que seu pseudônimo liga-se mais à figura de crítico literário, aspecto secundário para estes apontamentos.

(2) Cf. BOFF, Leonardo, "Alceu Amoroso Lima", in **Encontros com a Civilização Brasileira**, (Nova Série), Rio, Civilização Brasileira, nº 6, dez-78.

(3) Op. cit., p. 311.

(4) Entrevista concedida a Frei Betto, Op. cit. p. 208.

(5) Por trás desta mística, digamos, diferenciada do pensador Alceu A. Lima, um fato relevante: o apego quase que obsessivo à missa no que ela manifesta de mais silencioso e profundo, como também de mais rotineiro e anódino. Perguntado por Frei Betto sobre a forma como reabastecia sua vida cristã o pensador respondeu: "Devo dizer com toda franqueza que, cada vez mais, amo a missa. A missa do homem reduzido ao essencial. Se, a cada manhã não fosse à missa e não escrevesse à minha filha — permita-me ligar as duas coisas —, não haveria esse reabastecimento. Só consigo realmente pensar durante a missa. Por isso, não gosto quando o celebrante começa a falar muito. Prefiro um velho frade franciscano lá de Petrópolis, frei Godofredo, que reduz a missa à sua simplicidade extrema. Ali, sinto-me renascer". Op. cit. pp. 215 — 216.

(6) Em quase todas as entrevistas que concedeu, ao ter oportunidade de falar de seu passado, Alceu A. Lima fez questão de salientar que sua vida passou por três fases: a das formas, (em sua juventude, num período mais "solto", mais aventureiro, anterior ao do crítico literário militante, de 1919 em diante), a das idéias após a publicação de seu primeiro livro, sobre Afonso Arinos), e a dos acontecimentos, (então, o mais longo e denso, após sua conversão ao catolicismo, em 1928, e a amizade com o Jackson de Figueiredo e o Pe. Leonel Franca e o trabalho ao lado do Cardeal Dom Sebastião Leme no Centro Dom Vital).

(7) Cf. AMOROSO LIMA, Alceu e DANTAS MOTA, Lourenço, **Diálogo**, S. Paulo, Brasiliense, 1983, pp. 35 — 36.

(8) Nos depoimentos e entrevistas coligidos e apresentados por Francisco de Assis Barbosa sob o título **Memorando dos 90**, (Rio, Nova Fronteira, 1984, 434 págs.) encontra-se agora espelhado o retrato mais completo de um homem que, especialmente nas décadas de 60 a 80, numa velhice prenhe de espírito jovem, mostrava-se sempre aberto, seguro de si. Alceu A. Lima sempre recebeu toda sorte de entrevistadores sem torcer o nariz para quem quer que o afrontasse com suas perguntas, dentro das regras que um articulista da revista **Istoé** (nº 384) chamou de "teimosia calma e firme".

(9) Op. cit. pp. 37 — 38.

(10) Até mesmo no golpe de 64, há 20 anos, este despreparo da Igreja foi nitidamente perceptível quando se absteve do apoio às lutas populares para organizar a famosa "marcha com Deus, pela família e pela liberdade".

(11) Perguntado por Frei Betto sobre como a fé passou a ter em sua vida uma íntima relação com o engajamento político e social, o pensador deu uma resposta convincente e ampla. Falou do ecumenismo, das Grandes Guerras, da Revolução Russa, do fascismo e suas possibilidades de aliança com a Igreja e dos choques provocados por este namoro, do direito, do reacionarismo e suas contradições formais com a dimensão social do evangelho, da Teologia da Libertação, etc. Cf. **Encontros com a Civilização Brasileira**, op. cit. p. 211.

(12) Em 1983, antes de falecer, disse: "talvez eu publique meu último livro com este título: **Tudo é Mistério**. Realmente a editora Vozes acaba de lançá-lo postumamente. Este apego ao mistério também é visível em seu **Testamento Espiritual**, um encarte da **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, nº 43, set./83.

(13) Op. cit. p. 211.

Mas é o ensafeta católico Antônio Carlos Villaça quem melhor demarca os traços que diferem (e unem) Alceu e Jackson a partir de suas personalidades, suas origens sociais e das formas diferenciadas de suas conversões ao catolicismo: "Duas conversões muito diferentes, as de Jackson e Alceu. Como os homens eram diferentes e até opostos. Como eram diferentes as psicologias, as formações culturais, as

condições sociais. Jackson era um afirmativo, o panfletário desabusado das **Afirmações**, da **Coluna de Fogo**, da **Reação do Bom-Senso**, era mais natureza do que inteligência, Schmidt observou muito bem, em **O Galo Branco**, que “o que era irresistível nele era a natureza, não a inteligência”. Alceu, pelo contrário, era muito mais um intelectual, um homem de gabinete, um ser entregue ao jogo das idéias.

Jackson era um intuitivo. Alceu era um erudito. Jackson era um homem extrovertido, barulhento, gostava de cantar, de conversar pelos cafés, de passear à noite pelas ruas desertas — era um notívago. Alceu era um tímido, um delicado, muito mais da casa do que da rua, muito mais do estudo do que da discussão caótica, muito mais da leitura tranqüila que da improvisação agitada. Jackson era todo comércio, veemência, polêmica, engajamento. Alceu era as reticências, os entretons, as nuances, a disponibilidade. Duas naturezas muito diversas. Duas vidas organizadas diferentemente.

Um era pobre, paupérrimo. O outro era rico. Um nunca foi à Europa. O outro, aos vinte anos, já atravessara muitas vezes o Atlântico. Um era fulminante nas suas reações. O outro era comedido, conciliatório, ameno. E assim foram as conversões.

A de Jackson, intuitiva, rápida, violenta. Uma conversão fulminante. A de Alceu, especulativa, racional, lenta, difícil. Pode-se dizer que a de Jackson foi fácil, se à palavra fácil não se emprestar nenhuma conotação depreciativa. Depois da influência de Farias Brito, o encontro com Dom Leme, então Arcebispo de Olinda e Recife — a conversão aconteceu, com uma simplicidade, uma leveza, uma facilidade, uma espontaneidade, uma naturalidade tipicamente jacksoniana.

A de Tristão foi árdua, foi difícil. O processo de conversão durou uns sete anos. Quanta discussão epistolar com Jackson. Quanta leitura. Quanta reflexão. Quanta hesitação. Quanta complexidade. Quanto medo de perder a antiga liberdade de pensamento. O receio de o dogma ser um limite, um cerceamento, quando o dogma é um convite, um alargamento. O pavor das responsabilidades. A sombra constante da dúvida”. **O Pensamento Católico no Brasil**, Rio, Zahar, 1975, pp. 111 — 112.

(14) Mesmo assim Alceu A. Lima, desde o berço, soube aproveitar o talento de um trabalhador intelectual envolvido pelas chamas da reflexão e comprometido com a rotina do labor intelectual. É o autor Antônio Carlos Villaça quem, novamente, nos fornece mais detalhes sobre sua incansável laboriosidade: “Sempre se caracterizou por uma paixão — a da leitura. Lê tudo, há sessenta anos. E, assim, formou uma cultura universal, das maiores de nossa história, só talvez ultrapassada por dois outros leitores terríveis, Rui Barbosa e Pontes de Miranda, mais metódicos do que ele, mas também mais especializados ou limitados”. Op. cit. p. 118.

(15) Claro que temos entre nós também intelectuais e sobretudo literatos que passam a imagem de homens desocupados e até exóticos, como Jorge Amado, com suas camisas floreadas, bermuda e sandálias em casa de veraneio. Mas isto acontece entre nós na proporção de um por mil.

(16) É claro que a atuação do pensador, do líder não precisa ser necessariamente mesclado na vida popular. Para voltarmos aos exemplos dos idos de 64, a atuação parlamentar de um Santiago Dantas foi tão importante quanto a da alfabetização de um Paulo Freire ou a atuação das Ligas Camponesas de um Francisco Julião.

(17) Não vamos aqui tratar da opção político-partidária de Alceu A. Lima, da Social Democracia, do Liberalismo, etc., porque implicaria num estudo mais abrangente.

(18) Não li **Sexo e Tempo**, considerado por Alceu sua melhor obra. Mas suponho que aí também o autor já deve ter aparecido um tanto envelhecido em virtude do aspecto doutrinário que sua obra toda vem refletindo com o tempo.

(19) Embora Rubem Alves se mostra um pensador distanciado das linhas de frente do pensamento político no Brasil, mas em certa medida “revolucionário” quando trata de questões como o corpo, os ritos religiosos, a cultura, a ciência, etc. — questões que indiretamente estão ligadas às revoluções políticas do presente e do futuro.

(20) Veja este aspecto na obra já citada de Francisco de Assis Barbosa, pp. 43 — 44.

(21) Op. cit. p. 54.

Lendo esta obra exaustiva de Francisco de Assis Barbosa esbarrei nalgumas respostas a entrevistas concedidas pelo autor em questão nas décadas de 60 e 70 (revistas **O Cruzeiro**, **Manchete**, **Fotos**, **Ftoos**, semanário **O Pasquim**, etc.) e que me deixaram sobremaneira assombrado. Se não vejamos: Como pôde um pensador de seu gabarito depositar as esperanças no futuro de um país nas mãos de um Jânio Quadros ? (pp. 51 – 55). Esta me pareceu a visão típica do intelectual desvinculado de uma postura mais militante, mais de base.